

## Fernando Pessoa

Passa no sopro da aragem  
Que um momento o levantou  
Um vago anseio de viagem  
Que o coração me toldou.

Será que em seu movimento  
A brisa lembre a partida,  
Ou que a largueza do vento  
Lembre o ar livre da ida?

Não sei, mas subitamente  
Sinto a tristeza de estar  
O sonho triste que há rente  
Entre sonhar e sonhar.

x-x

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.  
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei  
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto de apoio na inteligência,  
Consangüinidade com o mistério das coisas, choque  
Aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,  
Ou se há outra significação para isto mais cômoda e feliz.  
Seja o que for, era melhor não ter nascido,  
Porque de tão interessante que é a todos os momentos,  
a vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,  
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair  
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,  
E ir ser selvagem para a morte entre as árvores e esquecimentos,  
Entre tombos e perigos e ausências de amanhã.

x-x

Para ser grande, sê inteiro: nada  
teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
no mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
brilha, porque alta vive.

x-x

Como um bálsamo que não consola  
senão pela idéia de que é um bálsamo,  
A tarde de hoje e de todos os dias  
monótona, cai.  
Acenderam as luzes, cai a noite,  
a vida substitui-se,  
Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver...  
Torna-me humano, ó noite,  
torna-me fraterno e solícito.  
Só humanamente é que se pode viver.  
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,  
Só assim - ai de mim - só assim se pode viver.  
Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!  
Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,  
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco - não sei qual - e eu sofri.  
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,

E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.  
Amei e odiei como toda gente,  
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,  
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo...

x-x

Segue o teu destino,  
Rega as tuas plantas,  
Ama as tuas rosas.  
O resto é a sombra  
De árvores alheias.  
A realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos.  
Só nós somos sempre  
Iguais a nós-próprios.

x-x

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.  
Antigamente acordava sem sensação nenhuma: acordava.  
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho.  
E posso estar na realidade onde está o que sonho.  
Não sei o que hei de fazer das minhas sensações.  
Não sei o que hei de ser comigo sozinho.  
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

x-x

Consolei-me voltando ao sol e a chuva,  
E sentando-me outra vez a porta de casa.  
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados  
Como para os que o não são.  
Sentir é estar distraído.

x-x

Meu coração é um almirante louco  
que abandonou a profissão do mar  
e que a vai relembrando pouco a pouco  
em casa a passear, a passear...  
No movimento (eu mesmo me desloco  
nesta cadeira, só de o imaginar)  
o mar abandonado fica em foco  
nos músculos cansados de parar.  
Há saudades nas pernas e nos braços  
Há saudades no cérebro por fora.  
Há grandes raivas feitas de cansaços.  
Mas - esta é boa! - era do coração  
que eu falava... e onde diabo estou eu agora  
com almirante em vez de sensação?...

x-x

Ah quanta melancolia!  
Quanta, quanta solidão!  
Aquela alma, que vazia,  
Que sinto inútil e fria  
Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!  
Que mágoa que sabe a fim!  
Se a nau foi abandonada,  
E o cego caiu na estrada -  
Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,  
Nenhum momento de meu  
Onde for que a alma emprego -  
Na estrada morreu o cego  
A nau desapareceu.

x-x

Quero ir convosco,  
quero encontrar vossos perigos frente a frente.  
Sentir na minha face os ventos que gelaram as vossas,  
cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,  
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,  
chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!  
Fugir convosco à civilização!  
Perder convosco a noção de moral!  
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!  
Beber convosco em mares do sul  
Novas selvagerias, novas balbúrdias da alma  
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!  
Ir convosco,  
despir de mim o meu traje de civilizado,  
a minha brandura de ações,  
meu medo inato de cadeias,  
minha pacífica vida.  
A minha vida sentada, estática e revista!  
No mar, no mar,  
Por no mar, ao vento, às vagas, a minha vida!  
Sim, sim,  
Crucificai-me nas navegações  
E minhas costas desfrutarão minha cruz.  
O que quero é levar para a morte  
uma alma a transbordar de mar...

x-x

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

x-x

O mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa -  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstrata linha

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -  
Os beijos merecidos da Verdade.

x-x

Vai alta no céu a lua da primavera.  
Penso em ti e dentro de mim estou completo.  
Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.  
Penso em ti, murmuro teu nome; e não sou eu; sou feliz.  
O amor é uma companhia,  
Já não sei andar só pelos caminhos.  
Porque já não posso andar só.  
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa.  
E ver menos, e ao mesmo tempo, gostar bem de ir vendo tudo.  
Mesmo a tua ausência é uma coisa que está comigo,  
Se não te vejo, imagino-te e sou forte como as árvores altas...

x-x

O amor é uma companhia.  
Já não sei andar só pelos caminhos,  
Porque já não posso andar só.  
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa  
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.

Mesmo a ausência tua é uma coisa que está comigo.  
E eu gosto tanto de ti que não sei como a desejar.  
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.  
Mas se lhe vejo tremo, não sei o que é feito e como sinto tua ausência

Todo eu sou qualquer força que me abandona.  
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

x-x

Quando eu não te tinha  
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...  
Agora amo a Natureza  
Como um monge calmo à Virgem Maria,  
Religiosamente, a meu modo, como dantes,  
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...

Vejo melhor os rios quando vou contigo  
Pelos campos até à beira dos rios;  
Sentado a teu lado reparando nas nuvens  
Reparo nelas melhor -  
Tu não me tiraste a Natureza...  
Tu mudaste a Natureza...  
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,  
Por tu existires, vejo-a melhor, mas a mesma,  
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,  
Por tu me escolheres para te ter e te amar,  
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente  
Sobre todas as coisas.  
Não me arrependo do que fui outrora  
Porque ainda o sou.